

AULA DE CAMPO: UM INSTRUMENTO PARA O ENSINO SIGNIFICATIVO DA GEOGRAFIA

Ana Clara da Silva Manhães¹

Caroline Miranda Siqueira²

Monique Kaylane Costa Manhães³

Romênia de Sá Pereira Silva⁴

Victor dos Santos Souza⁵

RESUMO

O artigo em questão objetiva relatar uma experiência de uso do trabalho de campo no ensino da Geografia na educação básica. Tal prática funciona como um instrumento fundamental para a aprendizagem da disciplina, tornando o conhecimento mais interativo e menos abstrato. Hertas (2007) e Cocato (2019) ressaltam que o campo configura-se como um espaço formativo de relevância para estudantes de diferentes níveis de ensino, constituindo-se em uma oportunidade para a construção do conhecimento, a vivência e a experimentação, contribuindo para o processo de aprendizagem em Geografia. Nesse sentido, a discussão toma como objeto as experiências de aulas de campo realizadas em turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual de Campos dos Goytacazes/RJ, conduzidas por licenciandos no âmbito das atividades do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Fluminense (IFF) – Campus Campos-Centro. Nessas aulas, os alunos visitaram o Laboratório de Geociências do IFF e a Casa de Cultura Villa Maria, ambos localizados no mesmo município. A metodologia pautou-se em duas dimensões: a organizacional, que envolveu transporte, autorização dos alunos, agendamento dos espaços e planejamento dos conteúdos; e a prática no campo, onde os licenciandos retomavam os conteúdos trabalhados em sala de aula, associando-os aos fenômenos naturais, sociais e urbanos observados. De acordo com Cavalcanti (1998), os conceitos estruturantes da Geografia são construídos a partir da interação do educando com seu cotidiano, e é justamente essa articulação que o campo possibilitou, ao aproximar teoria e prática. Nesse contexto, o trabalho de campo permitiu aos estudantes construir conhecimento por meio da observação, análise e interpretação dos fenômenos, favorecendo uma aprendizagem significativa. Apesar dos desafios logísticos, constatou-se que a atividade de campo se apresenta como recurso indispensável para o ensino da Geografia e para a formação crítica dos alunos.

Palavras-chave: Aula de campo, ensino da geografia e ensino significativo.

¹ Graduanda em Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Fluminense (IFF), a.manhaes@gsuite.iff.edu.br;

² Graduanda em Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Fluminense (IFF), ca5030ca@gmail.com;

³ Graduanda em Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Fluminense (IFF), Moniquemanhaes815@gmail.com;

⁴ Graduanda em Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Fluminense (IFF), romeniadesa@gmail.com

⁵ Professor orientador: Mestre em Geografia (UFF), Professor da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro – SEEDUC-RJ, vssgeografia@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia vai muito além da simples memorização de nomes de lugares, rios ou países. Ele busca formar cidadãos críticos, capazes de compreender as relações entre o espaço geográfico e a sociedade. Nesse contexto, as aulas de campo se destacam como uma metodologia essencial para tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo, pois permitem que o aluno vivencie, observe e interprete, de forma prática, os conteúdos estudados em sala de aula.

Durante a formação docente, é importante que o futuro professor experimente diferentes metodologias e compreenda como elas podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Foi com esse objetivo que os licenciandos do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal Fluminense (IFF) – Campus Campos-Centro juntamente com o professor regente e supervisor desenvolveram atividades de campo junto a turmas do Ensino Médio da Escola Estadual Doutor Thiers Cardoso, no município de Campos dos Goytacazes/RJ, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

As aulas de campo realizadas tiveram como propósito aproximar teoria e prática, proporcionando aos alunos um contato direto com os fenômenos geográficos e suas representações no espaço urbano e natural. Além disso, a experiência possibilitou aos licenciandos vivenciar o papel docente em situações reais, exercitando o planejamento, a mediação pedagógica e a reflexão sobre os resultados obtidos.

A relevância deste relato reside em destacar o potencial das aulas de campo como instrumentos pedagógicos que promovem o protagonismo estudantil discente. Além disso, busca-se refletir sobre os desafios e as contribuições dessa metodologia para a formação de sujeitos capazes de interpretar e transformar o espaço em que vivem.

Considera-se que o trabalho de campo, quando bem planejado e conduzido, é uma ferramenta poderosa no ensino da Geografia, pois desperta o interesse dos estudantes, estimula a observação crítica e amplia a compreensão do território em





que vivem. Assim, o presente **artigo** tem como objetivo relatar e refletir sobre a experiência das aulas de campo desenvolvidas no âmbito do PIBID, destacando sua relevância para a formação dos alunos da educação básica e para o aperfeiçoamento da prática docente dos futuros professores de Geografia.

METODOLOGIA

A proposta do trabalho de campo surgiu através da necessidade de dar significado aos conteúdos estudados nas aulas de geografia, resultando-os em aprendizado para os alunos. O trabalho de Campo faz parte das metodologias ativas que tentam romper com o paradigma tradicional da educação que concentra a aprendizagem na repetição dos conteúdos sem ter a garantia que o processo resultou em aprendizagem para o educando.

A metodologia foi organizada seguindo as seguintes etapas: a primeira foi concentrada nas aulas expositivas onde os conteúdos foram apresentados aos alunos. A segunda consistiu em reuniões para definir o melhor local para a realização do trabalho de campo, ou seja, o destino deveria ser um lugar que contemplasse boa parte dos conteúdos abordados na etapa anterior e que trouxesse significados para os alunos permitindo que eles fizessem suas próprias conexões, tornando-os parte integrante na relação ensino-aprendizagem. A terceira etapa consistiu na realização de um pré-campo, onde o professor supervisor e os pibidianos realizaram o reconhecimento prévio da área a ser visitada, observando suas principais características geográficas, potenciais pedagógicos e eventuais limitações logísticas, a fim de planejar as estratégias didáticas e garantir o bom andamento da atividade de campo. Segundo Lemos (2021), essa fase é de suma importância, pois ela é responsável por organizar o campo, estadia, custos, o transporte e os possíveis problemas que poderão surgir ao longo do processo. A quarta etapa diz respeito à saída de campo, ou seja, o deslocamento da escola para visitar os locais escolhidos seguindo o roteiro pré-estabelecido. Por fim, a última



etapa consistiu no pós-campo, onde realizou-se a verificação da aprendizagem através das trocas de experiências realizada na semana seguinte a atividade de campo.

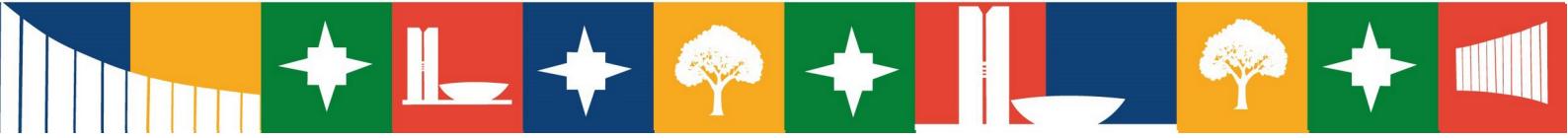
As atividades foram baseadas nos parâmetros das habilidades e competências da BNCC, cujos valores enfatizam a importância do trabalho de campo para fins pedagógicos com a intenção de ampliar o repertório cultural, sendo uma das propostas compreender o espaço e as mudanças temporais que nele ocorreram e como os sujeitos são agentes de transformação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A aula de campo utilizada como um instrumento pedagógico contribui para a construção de um ensino significativo da geografia, pois permite que os alunos possam construir conexões com os conteúdos trabalhados em sala de aula com as suas próprias experiências no campo. O trabalho de campo corresponde a uma metodologia que contempla elementos como: observação, análise, interpretação dos fenômenos espaciais de forma espontânea, ou seja, como eles acontecem naturalmente no seu cotidiano.

Segundo Neves (2015), essa metodologia não é exclusiva de uma área do conhecimento ao mesmo tempo em que contribui de forma significativa para o ensino, também contribui para a pesquisa em diferentes anos escolares, podendo ser utilizada tanto na educação básica (infantil, fundamental e médio) permitindo que os mais jovens realizem o aprendizado fazendo associações com os conteúdos trabalhados em sala de aula e a prática, quanto na graduação e pós-graduação.

No que diz respeito à geografia essa metodologia está estreitamente ligada ao surgimento dessa ciência, Alexander Von Humboldt um dos percussores da ciência geográfica, realizava expedições com profissionais de várias áreas a fim de compreender e analisar os diferentes espaços geográficos através das descrições dos fenômenos observados. Com o passar do tempo diferentes ramos da geografia seja física ou humana tem desenvolvido mecanismos próprios para analisar e





interpretar os fenômenos espaciais relacionados com sua área do conhecimento (NEVES, 2015).

Cabe destacar que o trabalho de campo não consiste em um passeio escolar, visto que demanda algumas etapas como: apresentação dos conteúdos ainda em sala de aula para que os alunos possam visualizar o que foi abordado no ambiente escolar com a prática, planejamento que visa estabelecer o local onde será realizado o trabalho de campo e se o mesmo contempla os elementos já discutidos anteriormente com os alunos, no pré-campo é bastante importante que o professor, assim como seus auxiliares, conheça o ambiente que será visitado para avaliar todas as possibilidades de abordagem a fim de enriquecer ao máximo as experiências vivenciadas pelos alunos, e por fim o pós-campo onde serão discutidas e compartilhadas as vivências dos alunos com o ambiente visitado. Essa etapa é uma oportunidade para o professor avaliar o trabalho de campo apontando os aspectos positivos e negativos com objetivo de melhorar ou ampliar a abordagem nos trabalhos futuros.

A definição de trabalho de campo apresentada por Silva (2002), nos distancia da ideia de que qualquer saída do ambiente escolar possa ser considerada um trabalho de campo, visto que ele é composto por variáveis que o configura com um instrumento pedagógico de suma importância na relação ensino aprendizagem.

A escola, além de um elemento essencial para qualquer sociedade, precisa trazer significado aos conteúdos estudados pelos alunos. Logo ela fará sentido para os estudantes quando consegue associar o aprendizado escolar a sua vivência. Ao conseguir perceber as transformações socioespaciais do meio, os alunos poderão se enxergar como sujeitos integrantes no processo educativo, social, cultural e político deixando mais evidente a dinâmica existente na relação o homem e o meio (DE LA FUENTE E SAMPAIO, 2019).

O ambiente escolar se apresenta como o lugar social onde são reproduzidos saberes sistematizados que superam o senso-comum. Cabe a escola fazer a ponte no processo ensino aprendizagem entre os saberes prévios dos alunos com os





conhecimentos científicos. É nesse contexto que o ensino significativo da geografia propõe estabelecer um diálogo entre os conteúdos científicos abordados em sala de aula com as vivências dos educandos. Dessa forma, pretende-se ultrapassar a barreira de uma transposição didática pronta dos livros didáticos e construir uma proposta de aprendizagem que seja mais formativa e integral do que informativa, quando põe o aluno como mero ouvinte de conteúdos e conceitos que o não conseguem aplicar a sua realidade (AZAMBUJA, 2012).

As normatizações curriculares devem ser respeitadas, porém existe a necessidade de flexibilizá-las a realidade da comunidade escolar, cabendo ao professor trabalhar como mediador nesse processo realizando adaptações, organização, e estruturação do ensino apresentando significado ao mesmo. Dessa forma o trabalho de campo apresenta-se como indissociável do currículo de geografia, pois possibilita o docente ir além dos conteúdos formais apresentados em sala de aula, ao mesmo tempo em que fornece diferentes possibilidades de assimilação dos conteúdos estudados facilitando o processo de aprendizagem que ocorre de forma significativa para o educando. Ainda nesse contexto, a utilização do trabalho de campo como prática fixa das atividades escolares se justifica não somente pelo ensino de geografia, mas também pelo seu caráter interdisciplinar, pois através desse instrumento é possível chegar ao mesmo objetivo nas demais disciplinas escolares (BERTOLDO, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As aulas de campo desenvolvidas pelos licenciandos do curso de Geografia do Instituto Federal Fluminense – Campus Campos-Centro, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tiveram como propósito aproximar os estudantes da educação básica de experiências concretas que permitissem a articulação entre teoria e prática, conforme defendido por Neves (2015) e Bertoldo (2019). As atividades foram realizadas com turmas de diferentes níveis do ensino médio da Escola Estadual Doutor Thiers Cardoso do município de





Campos dos Goytacazes/RJ, possibilitando observar como o trabalho de campo se apresenta como instrumento de ensino significativo.

A primeira aula de campo foi direcionada às turmas do 1º ano do Ensino Médio (Turmas 1005 e 1006), com visita ao Laboratório de Geociências do Instituto Federal Fluminense - Campus Centro. O processo de preparação da atividade iniciou-se no dia 13 de maio de 2025, nas turmas 1005 e 1006, com a abordagem inicial do conteúdo “Tipos de Rochas”, ministrada pelo professor supervisor Victor dos Santos Souza. Durante essa aula introdutória, o docente apresentou os conceitos fundamentais sobre a classificação e formação das rochas, explicando aos alunos que a temática seria aprofundada posteriormente durante a aula de campo, programada para o dia 21 de maio de 2025. O professor também informou que, além do conteúdo de rochas, seriam trabalhados temas correlatos, como minerais e intemperismo, reforçando que o campo proporcionaria uma oportunidade para os estudantes conhecerem o espaço físico do IFF e vivenciarem a aplicação prática dos conceitos estudados.

A continuidade da abordagem teórica ocorreu no dia 20 de maio de 2025, quando os bolsistas retomaram os conteúdos trabalhados anteriormente, reforçando os principais pontos por meio da resolução de exercícios elaborados pelos próprios licenciandos, com o objetivo de fixar o conhecimento e preparar os alunos para a atividade de campo. Essa etapa demonstrou o papel ativo dos “pibidianos” na mediação entre teoria e prática, exercitando a autonomia docente e o planejamento pedagógico colaborativo.

No dia 21 de maio de 2025, realizou-se a aula de campo no Laboratório de Geociências do IFF, momento em que os estudantes puderam conhecer o espaço institucional, observar, tocar e identificar diferentes tipos de rochas e minerais, além de esclarecer dúvidas sobre o conteúdo. A atividade contou com o apoio técnico do laboratório e foi conduzida pelos bolsistas sob a supervisão do professor Victor. Durante a visita, os alunos também tiveram a oportunidade de revisar parte da matéria referente ao tempo geológico, conteúdo ministrado anteriormente no dia 6 de maio de 2025, uma vez que o laboratório possui exposições e painéis explicativos sobre as eras geológicas e a formação da Terra. Essa articulação entre os





conteúdos teóricos e os elementos visuais e materiais disponíveis no espaço contribuiu para uma aprendizagem mais concreta e contextualizada.

A recepção dos alunos foi bastante positiva, marcada pela curiosidade e participação ativa nas observações e nas perguntas direcionadas aos estagiários e técnicos. Essa interação favoreceu a aprendizagem por descoberta, em que o aluno assume papel protagonista no processo educativo. Durante a condução da atividade, os licenciandos perceberam a importância da mediação pedagógica em um ambiente não convencional, o que exigiu domínio do conteúdo e flexibilidade para adequar a linguagem técnica ao nível de compreensão dos alunos. Apesar de alguns desafios logísticos, como o tempo limitado para observação detalhada das amostras, a atividade atingiu plenamente seus objetivos pedagógicos.

A segunda aula de campo ocorreu com as turmas do 2º ano do Ensino Médio (Turmas 2003, 2004, 2005 e 2006), tendo como destino o Centro Histórico de Campos dos Goytacazes, com visita à Casa de Cultura Vila Maria. Essa atividade teve enfoque no conteúdo “Espaço Urbano”, e o local foi escolhido estrategicamente por estar situado no centro da cidade — uma área de grande movimentação, rodeada por prédios históricos e construções contemporâneas, o que permitiu aos alunos observar as diferentes formas de ocupação e as mudanças de uso dos espaços urbanos ao longo do tempo. Essa observação foi de grande importância para demonstrar que o espaço urbano é dinâmico e está em constante transformação, adequando-se às necessidades de cada época, conforme as demandas econômicas, sociais e culturais.

A Casa de Cultura Vila Maria integra o conjunto de imóveis tombados pelo patrimônio histórico estadual, que compõem o quadrilátero histórico do centro de Campos dos Goytacazes. Esse quadrilátero é formado, além da própria Casa de Cultura, pelos edifícios do Liceu de Humanidades de Campos, do antigo Fórum Nilo Peçanha (atual sede da Câmara Municipal) e pelo Coreto localizado na Praça do Liceu, todos tombados pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural). A Casa de Cultura, atualmente vinculada à Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), funciona como centro cultural e espaço de preservação da memória urbana e artística da região. Sua escolha como local da





aula de campo possibilitou um contato direto dos alunos com o patrimônio histórico da cidade, integrando dimensões geográficas, culturais e históricas.

Durante a visita, os alunos puderam compreender como a configuração urbana é resultado de processos históricos e sociais, observando contrastes entre o antigo e o moderno e refletindo sobre a importância da preservação do patrimônio cultural. A observação direta desses espaços permitiu que relacionassem os conteúdos teóricos abordados em sala — sobre a formação e transformação das cidades — com o que vivenciavam no local. Essa vivência reforça a aprendizagem significativa, na medida em que o aluno passa a reconhecer-se como sujeito integrante das transformações socioespaciais.

Na análise pós-campo os licenciandos relataram que a aula de campo no centro histórico possibilitou maior interação com os alunos e a aplicação de metodologias investigativas, por meio de registros fotográficos, anotações e discussões em grupo. Contudo, entre os desafios enfrentados destacou-se a questão da logística, uma vez que a Escola Estadual Thiers Cardoso não possuía recursos para o aluguel de transporte, sendo necessária uma parceria com uma instituição que cedeu o ônibus para o deslocamento dos estudantes. Devido a essa parceria, o tempo de permanência no local foi cronometrado, já que o veículo precisava retornar ao seu local de origem para cumprir o itinerário regular. Essa limitação temporal exigiu organização rigorosa da equipe e objetividade na condução das atividades, para que todos os objetivos pedagógicos fossem contemplados.

Além disso, é importante destacar que a aula de campo é uma das atividades mais complexas e trabalhosas de se organizar, principalmente no contexto das escolas públicas, onde os recursos financeiros e estruturais são escassos. Exige planejamento detalhado, envolvimento de diferentes setores da escola, autorizações, transporte e adaptação de horários. Apesar dessas dificuldades, trata-se de uma prática pedagógica de grande relevância para o ensino de Geografia, pois proporciona uma aprendizagem vivencial, contextualizada e significativa, que





ultrapassa as barreiras da sala de aula e permite ao aluno compreender o espaço geográfico em sua totalidade.

Mesmo diante das limitações, a experiência foi avaliada como extremamente enriquecedora, pois proporcionou aos licenciandos a oportunidade de exercer o papel docente em uma situação real, articulando planejamento, execução e avaliação da aprendizagem. Os alunos demonstraram entusiasmo e curiosidade, contribuindo com perguntas e reflexões que ampliaram o debate sobre o espaço urbano e sua historicidade.

De modo geral, as duas experiências de campo — no Laboratório de Geociências e no Centro Histórico de Campos — reforçaram o papel do trabalho de campo como prática indissociável do ensino de Geografia. Através delas, foi possível observar o desenvolvimento de competências cognitivas e atitudinais tanto dos alunos da educação básica quanto dos estagiários. Os licenciandos reconheceram a importância do planejamento prévio, da interdisciplinaridade e da adequação metodológica às diferentes faixas etárias. Além disso, perceberam que a condução de atividades em ambientes externos exige sensibilidade didática e postura investigativa, elementos fundamentais à formação docente.

Por fim, destaca-se que as aulas de campo analisadas contribuíram significativamente para a construção de um ensino mais dinâmico, participativo e contextualizado, reafirmando que o campo, enquanto espaço pedagógico, amplia a compreensão do conteúdo geográfico e favorece a aproximação entre escola, território e comunidade. Essa experiência se mostrou essencial não apenas para o aprendizado dos alunos, mas também para a consolidação da identidade profissional dos licenciandos em Geografia, ao permiti-los vivenciar a prática docente em toda a sua complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos pode-se concluir que as aulas de campo se configuram como uma metodologia essencial para o ensino significativo da Geografia, possibilitando a articulação entre teoria e prática de forma dinâmica e contextualizada. As experiências relatadas nos mostram que tal prática contribuiu



para o aprendizado, aproximando a teoria da prática e aumentando a curiosidade e o interesse dos alunos.

Além disso, o campo revelou-se um importante instrumento formativo tanto para os estudantes da educação básica quanto para os licenciandos envolvidos, que puderam vivenciar o processo docente em sua totalidade, participando ativamente das aulas expositivas, das reuniões para decidir a melhor localização, na realização do pré-campo, da saída de campo e, por fim, do pós-campo. Apesar dos desafios enfrentados, como limitações de tempo e recursos, a experiência reafirmou que o trabalho de campo é importante para o ensino de geografia e das demais áreas do conhecimento.

Dessa forma, ficou evidente que a aula de campo deve ser compreendida não como atividade complementar, mas como parte integrante do currículo de Geografia, capaz de promover uma aprendizagem significativa.

BIBLIOGRAFIA

- AZAMBUJA, L. D. **Trabalho de campo e ensino de Geografia**. Geosul, Florianópolis, v. 27, n. 54, p 181-195, jul./dez. 2012.
- BERTOLDO, M. **O trabalho de campo como estratégia para o ensino da geografia escolar**. *Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE/UEM)*, 11(1), 106-129. 2019.
- CAVALCANTI, L. (1998) Geografia, escola e construção de conhecimentos. São Paulo: Papirus.
- COCATO, G. P. **O trabalho de campo enquanto experiência de ensino dos conteúdos de geografia urbana em um contexto escolar de precarização**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 9, n. 18, p. 185-210. 2019.
- De La Fuente, A., & Sampaio, A. D. Á. M. **O trabalho de campo no ensino de geografia**. Caminhos de Geografia Uberlândia - MG v. 20, n. 69 Mar/2019 p. 451–466 Página 451. 2019.
- HERTAS, D. M. **Além do aspecto puramente acadêmico: o trabalho de campo como uma verdadeira experiência de vida**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, nº 21, p. 149 – 156. 2007.
- LEMOS, L. M. **O trabalho de campo como experiência educativa em Geografia**. *GEOgraphia*, Niterói/RJ, 23(50), 1-18. 2021.
- NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Ilhéus : Editus, 2015. 139p.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

SILVA, A. M. R. da. **Trabalho de campo: "prática" andante" de fazer Geografia.** *Geo UERJ*, (11), 61-61. 2002.

